

# ANÁLISE LITERÁRIA DA BÍBLIA. HISTÓRICO, INFLUÊNCIAS E PRESENÇA NO BRASIL<sup>1</sup>.

*João Leonel<sup>2</sup>*

## RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever o desenvolvimento dos estudos sobre a análise literária da Bíblia em contexto europeu e norte-americano, indicando como tais estudos chegaram ao Brasil por meio de traduções de livros e aqui se desenvolvem com produção por autores nacionais. O artigo também apresenta metodologias e principais temáticas dos estudos da Bíblia como literatura, apontando, em sua última e principal parte, estudiosos das áreas da teoria e crítica literária que, segundo o autor, podem contribuir para o progresso de tais estudos no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

Bíblia como literatura; teoria e crítica literária; metodologias; temáticas; autores.

---

<sup>1</sup> Neste artigo fiz uso de algumas informações, que amplio e atualizo, de dois artigos que escrevi com colegas: LEONEL, J.; AGUIAR, C. M.; LIMA, A. O. NEBIL (Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura, CNPq): Constituição e Pesquisas sobre Bíblia e Literatura. **Teoliterária**: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias. v. 11, p. 167-189, 2021 e LEONEL, J.; LIMA, A. O.; AGUIAR, C. M.; HACK, J. L. Leitura literária da Bíblia: um projeto. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 22, p. 1-16, 2020.

<sup>2</sup> Pastor presbiteriano. Professor no Seminário Presbiteriano do Sul, onde coordena o Departamento de Teologia Exegética. Professor na Graduação e Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Teologia e em Letras. Mestre em Ciências da Religião com concentração em Bíblia (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP). Doutor em Teoria e História Literária (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp). Pós-doutor em História da Leitura (Universidade Nova de Lisboa, Portugal).

## INTRODUÇÃO

Este artigo pretende dar ao leitor uma visão geral dos autores e teorias que estão na origem dos estudos da Bíblia como literatura em contexto norte-americano e europeu e como esta abordagem chega ao Brasil e aqui se desenvolve. Pretende, igualmente, no último e principal tópico, apontar estudiosos que são referência para tais estudos na atualidade. Não obstante os autores exercerem influência incontestada, aqueles mencionados na última parte do artigo foram escolhidos a partir de um critério pessoal. O fato de serem por mim selecionados implica a possibilidade de que não sejam considerados da mesma forma por outros pesquisadores da área.

É necessário esclarecer que esta apresentação não almeja ser totalizante. Certamente existem artigos acadêmicos, dissertações e teses sobre o tema que escaparam a esta pesquisa, uma vez que os dados aqui apresentados fazem uso exclusivamente de livros publicados. Apesar disso, este texto permite uma visão geral satisfatória dos estudos da Bíblia como literatura.

Uma pergunta que surge com frequência quando a leitura literária da Bíblia é apresentada a estudantes de graduação e de pós-graduação, a exegetas, a teólogos e a leitores da Bíblia em comunidades religiosas, é se os autores dos textos bíblicos conheciam as teorias literárias utilizadas contemporaneamente. A pergunta é pertinente, visto que o estranhamento diz respeito a

métodos e terminologias atuais, aplicadas ao estudo de obras ficcionais, serem igualmente empregadas em textos bíblicos com, no mínimo, dois mil anos de existência.

Embora a pergunta exija uma resposta complexa, impossível de ser desenvolvida integralmente neste espaço, uma informação é relevante. Principalmente em relação ao Novo Testamento, as áreas nas quais seus textos foram produzidos – Palestina, Ásia Menor e Europa – estavam sob influência cultural do helenismo<sup>3</sup>. Embora nesse período Roma já estendesse seu domínio político/militar sobre essas regiões, a cultura grega ainda imperava, influenciando, inclusive, os próprios romanos.

Nesse contexto cultural amplo situa-se a literatura grega e entre ela o livro **Poética**, de Aristóteles. Obra escrita no século 4 a.C., é um manual de teoria literária, tratando sobretudo da poesia trágica, embora aborde também a epopeia<sup>4</sup>. A hipótese de que os escritores dos evangelhos tenham conhecido e utilizado a **Poética** ou algum outro manual é perfeitamente viável. Como decorrência, termos como “mímesis, enredo, reviravolta, personagens, herói”, entre outros, assim como definições sobre modos e formas pelos quais os gêneros poéticos se desenvolvem, presentes na **Poética**, não seriam estranhos no período de produção dos evangelhos. Por essa

---

<sup>3</sup> Para uma visão sobre a relação entre helenismo e o mundo judaico na antiguidade, cf. Lee I. Levine. **Judaism and Hellenism in Antiquity: Conflict or Confluence?** (1998).

<sup>4</sup> Sobre a obra, cf. a Introdução de **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 7-33, escrita por Paulo Pinheiro.

razão, a utilização desses conceitos teóricos por estudiosos da Bíblia, assim como de outros decorrentes deles, não deve ser vista com ceticismo.

## DOS INÍCIOS E ATUALIZAÇÕES

Surge na Europa, Estados Unidos e Canadá, a partir dos anos 1980, o interesse de críticos e teóricos literários em analisar a Bíblia a partir de teorias literárias. Os resultados obtidos são significativos. Podem ser mencionados Robert Alter (1981), Northrop Frye (1982, 1990), John B. Gabel e Charles B. Wheeler (1986), Robert Alter e Frank Kermode (1987) e, posteriormente, Harold Bloom (2012).

Eles estavam em diálogo e sob influência de dois capítulos escritos por outro teórico e crítico literário, Erich Auerbach. Os dois primeiros capítulos de seu livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, publicado em 1946, elaboram comparações entre textos da literatura clássica e textos bíblicos. Destoando de críticos literários e de exegetas, para os quais a Bíblia seria inferior aos textos gregos e latinos, tanto em qualidade literária quanto em estilo, o autor destacou a beleza da literatura bíblica e dos estilos composicionais nela presentes. Mais à frente voltaremos a esse importante autor.

Reagindo positivamente e em diálogo com as obras desses autores, um segundo grupo, composto por biblistas, aparece no cenário dos estudos da Bíblia como literatura. Como principais

representantes devem ser mencionados<sup>5</sup> Shimon Bar-Efrat (1979)<sup>6</sup>, Adele Berlin (1983), Leland Ryken (1984, 1992, 2014), Meir Sternberg (1987), Tremper Longman III (1987), Mark A. Powell (1990), Jan P. Fokkelman (1995)<sup>7</sup> e Daniel Marguerat e Yvan Bourquin (1998). A partir desses pioneiros dos estudos bíblicos, o campo se expandiu e hoje é uma área de produção acadêmica consolidada em países do hemisfério norte.

No mundo teológico de fala inglesa, cunhou-se a expressão “Narrative Criticism” (Crítica Narrativa) para designar os estudos da Bíblia, fundamentalmente de textos narrativos, desenvolvidos a partir de teorias literárias e de modo particular por meio de teorias narrativas. Warren Carter registra que se atribui ao título de um artigo de David Rhoads, “Narrative Criticism and the Gospel of Mark”, de 1982<sup>8</sup>, a primeira ocorrência da expressão (2016, p. 307).

As editoras brasileiras passaram a publicar obras, tanto teóricas da literatura quanto de biblistas, a partir da década de 1990. O texto de John B. Gabel e Charles B. Wheeler, **The Bible as literature: an introduction** (1986), foi publicado no Brasil em 1993 como **A Bíblia como literatura: uma introdução**, e a organização

---

<sup>5</sup> Não foram incluídas obras de caráter monográfico, que abordam apenas um livro bíblico ou uma única teoria. Dei preferência a textos que apresentam metodologias analíticas com ampla aplicação.

<sup>6</sup> Livro publicado em hebraico em 1979. A publicação em inglês, em 1989, popularizou a obra.

<sup>7</sup> Obra publicada em holandês em 1995 e lançada em inglês em 1999.

<sup>8</sup> **Journal of the American Academy of Religion**, n. 50, p. 411–426, 1982.

de **The literary guide to the Bible**, por Alter e Kermode (1987), surgiu em 1997 com o título **Guia literário da Bíblia**.

No início dos anos 2000 houve um desenvolvimento mais consistente. Iniciou com dois teóricos da literatura: Northrop Frye e Robert Alter. De Frye temos **The great code: the Bible and literature** (1982), que chegou às mãos do leitor brasileiro em 2004 como **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**, e em edição posterior em 2021<sup>9</sup>. De Alter, o livro **The art of biblical narrative** (1981), considerado o divisor de águas no desenvolvimento dos estudos literários da Bíblia, surgiu no mercado brasileiro apenas em 2007 com o título **A arte da narrativa bíblica**. Outro livro de Frye, **Words with power: Being a second study of “The Bible and Literature”** (1990), foi publicado em 2022 como **O poder das palavras: a Bíblia e a Literatura II**<sup>10</sup>.

Pelo lado dos biblistas temos, no cenário francês, **Pour lire les récits bibliques. La Bible se raconte. Initiation à l’analyse narrative**, de Daniel Marguerat e Yvan Bourquin (1998), publicado no Brasil em 2009, traduzido como **Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa**. Obras do norte-americano Leland Ryken foram vertidas para nosso idioma. **A complete handbook of literary forms in the Bible** (2014) recebeu versão para o português em 2017 com o título **As formas literárias da Bíblia**. Outros dois livros levaram mais de trinta anos para serem vertidos para o

---

<sup>9</sup> Pela Editora Sétimo Selo com o título: **O grande código: a Bíblia e a Literatura**.

<sup>10</sup> Editora Sétimo Selo.

português. **How to read the Bible as literature... and get more out of it**, de 1984, chegou a nós como **Para ler a Bíblia como literatura**: e aprender ainda mais com ela em 2017, e **Words of delight**: a literary introduction to the Bible, de 1992, foi trazido para o mercado nacional em 2023 como **Uma introdução literária à Bíblia**.

Dado novo surge quando editoras brasileiras passaram a olhar para autores nacionais. **Leia a Bíblia como literatura**, de Cássio Murilo Dias da Silva, foi publicado pela Loyola em 2007. A Hagnos trouxe à luz, no mesmo ano, o **Manual de Exegese**, de Júlio Paulo Tavares Zabatiero, que introduziu a metodologia semiótica nos estudos da Bíblia. A Paulus foi responsável por **Bíblia, literatura e linguagem** em 2011, escrito por mim em parceria com Júlio Zabatiero. A “Bíblia como Literatura”, série organizada pelas Paulinas, propôs livros que desenvolvessem abordagens literárias aos textos bíblicos, alguns priorizando teorias literárias, outros dialogando com metodologias crítico-exegéticas.<sup>11</sup> Em 2022 a Ateliê Editorial, juntamente com a Editora Mackenzie, publicou o livro que organizei, **Bíblia, literatura e recepção**, com três divisões

---

<sup>11</sup> Com um total de nove obras previstas, aproximam-se da metodologia estudada neste artigo: Zuleica Silvano. **Introdução à análise poética de textos bíblicos** (2014); Jaldemir Vitória. **Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método** (2016); e Antonio Geraldo Cantarella. **Bíblia e linguagem: contribuições dos estudos literários** (2023).

principais, das quais a primeira traz cinco capítulos tematizando a Bíblia como literatura.

Ao tratar das produções brasileiras sobre o tema, julgo relevante mencionar o grupo de pesquisas coordenado por mim e pelo prof. dr. Cristhiano Motta Aguiar, vinculado às nossas atividades na Pós-Graduação em Letras, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, SP. O grupo chama-se NEBIL (Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura) e faz parte do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, desenvolvido pelo CNPq.

O NEBIL foi criado em 2018, participando dele professores da universidade e colegas de outras instituições, além de alunos da graduação e da pós-graduação da Universidade Mackenzie. O grupo se desenvolve por meio de produção de dissertações e teses, artigos acadêmicos, capítulos de livros e livros, encontros de estudos, palestras, organização e participação em congressos nacionais e internacionais.

Como pode ser observado a partir da maioria dos títulos das obras mencionadas anteriormente, os estudos da Bíblia como literatura, até este momento, têm concentrado seus trabalhos no gênero narrativo. Outros gêneros, como a poesia, as cartas neotestamentárias e a apocalíptica, por exemplo, necessitam receber maior atenção dos pesquisadores para que o campo se amplie.



## **METODOLOGIAS**

Alguns autores mencionados no tópico anterior retornam neste momento. Se a referência se deu a partir da cronologia dos estudos da Bíblia como literatura, agora destaca-se a contribuição metodológica trazida por eles. Os nomes elencados abaixo foram selecionados segundo minhas percepções quanto à importância de seus trabalhos.

No universo dos estudos voltados para a Bíblia há dinâmicas variadas à medida que eles se expandem. Nos inícios do cristianismo, quando as Escrituras hebraicas eram centrais para a identidade e o desenvolvimento dos grupos seguidores de Jesus Cristo, a ênfase foi colocada na leitura cristológica do Antigo Testamento. A partir do estabelecimento do Cristianismo, principalmente na Europa e norte da África, e em diálogo com escolas filosóficas, deu-se ênfase à interpretação alegórica da Bíblia que seguiu por praticamente toda a Idade Média. Os reformadores protestantes, no século 16, influenciados pelo Humanismo e pelo Renascimento, julgaram superada a alegoria e aplicaram o método histórico-gramatical aos estudos da Bíblia, fazendo uso de ferramentas filológicas, gramaticais e históricas.

Nova alteração metodológica ocorreu nos séculos 17 e 18. Sob influência do Racionalismo e do Iluminismo surgiu o método histórico-crítico, aplicado na investigação sobre a antiguidade ou não de documentos e textos. Em relação à Bíblia, buscava averiguar

a historicidade de seus relatos. São originários dele as metodologias utilizadas por exegetas e conhecidas como História da Tradição, História das Fontes, História das Formas e História da Redação. Os métodos histórico-gramatical e histórico-crítico fazem parte ainda hoje de pesquisas de exegese bíblica<sup>12</sup>.

A partir da década de 70 do século 20, houve maior interesse na análise literária da Bíblia<sup>13</sup> na Europa e nos EUA. Mesmo convivendo com os métodos historicistas, os propositores do novo olhar deram maior atenção à análise sincrônica dos textos, visando identificar estruturas retóricas de comunicação. Houve, então, uma mudança de modelo: da reconstrução histórica, fortemente diacrônica, volta-se para os processos comunicacionais propostos pelos textos aos leitores, abordagem essencialmente sincrônica.

O exegeta Norman R. Petersen dá visibilidade a essa abordagem em seu livro **Literary criticism for New Testament critics** (1978). Ele procura “[...] compreender como os críticos literários concebem os textos” (PETERSEN, 1978, p. 23, tradução nossa) e como isso pode contrastar com abordagens da exegese tradicional. Elabora uma crítica às metodologias empregadas na

---

<sup>12</sup> Sobre os métodos Histórico-Gramatical e Histórico-Crítico, cf. o capítulo de José Adriano Filho, “Os métodos Histórico-Gramatical e Histórico-Crítico de interpretação bíblica”, no livro LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo (Org.). **Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos**. p. 21-44.

<sup>13</sup> É necessário destacar que a metodologia histórico-crítica fez uso de abordagens literárias. No entanto, como elas estavam sujeitas à reconstrução histórica, exercendo papel auxiliar, ficaram estagnadas, não acompanhando o desenvolvimento de novas teorias e abordagens literárias, como aquelas utilizadas no período que estamos visualizando.

exegese bíblica que trabalham com os textos neotestamentários em perspectiva evolutiva, olhando quase que exclusivamente para o mundo histórico, social e religioso dos grupos cristãos do primeiro século d.C. Para Petersen, os referenciais teóricos advindos da literatura utilizados pelos exegetas até aquele momento estavam obsoletos, sendo necessário substituí-los.

Críticos do século 19 e início do 20 conceberam textos como se fossem janelas pelas quais se chegaria ao sentido que estava para além deles [no passado]. Contra tal posição, o Novo Criticismo anglo-americano e movimentos similares em outros países, nas primeiras décadas deste século [século 20], se rebelaram ao definir os textos como espelhos nos quais o sentido poderia ser contemplado (PETERSEN, 1978, p. 24, tradução nossa).

Petersen indica seu objetivo a partir da metáfora da “janela” e do “espelho”: “[...] começemos nossa busca por um modelo crítico-literário refletindo sobre a mudança de ênfase da crítica literária, da janela para o espelho” (1978, p. 25, tradução nossa).

Sua conclusão é que os textos bíblicos devem ser estudados a partir de seu próprio mundo, sem interferências externas, em uma leitura atenta às estruturas textuais. Exercitando o método, Petersen analisa os enredos e as construções de mundos textuais dos evangelhos de Marcos, Lucas e do livro de Atos dos Apóstolos (PETERSEN, 1978, p. 49-92).

Em 1979, um ano após a obra de Petersen, Shimon Bar-Efrat participa das mesmas percepções, revelando-as em seu livro

**Narrative art in the Bible**<sup>14</sup>: “O propósito deste livro é fornecer um guia para a compreensão da narrativa bíblica como uma obra de arte literária” (1989, p. 7, tradução nossa). Como indicador da relevância de seu estudo, o autor enfatiza a pouca presença de estudos literários sobre a Bíblia naquele momento:

Mais de um terço da Bíblia Hebraica consiste em narrativas. Geralmente se reconhece que as narrativas bíblicas possuem a mais alta qualidade artística, estando entre os tesouros literários mais importantes do mundo. Na pesquisa acadêmica da Bíblia, no entanto, o estudo literário de narrativas bíblicas tem recebido apenas uma preocupação marginal (1989, p. 9, tradução nossa).

Para preencher esse vazio, Bar-Efrat faz uso de categorias tradicionais da análise de narrativas: Cp. 1. O narrador; Cp. 2. Os personagens; Cp. 3. O enredo; Cp. 4. Tempo e espaço; Cp. 5. Estilo; Cp. 6. A narrativa de Amom e Tamar, no qual aplica a análise literária.

Autor de capital importância é Robert Alter. O livro **The art of biblical narrative** (1981) contém tópicos essenciais para a construção de uma metodologia analítica para as narrativas bíblicas, embora tenha como foco apenas o Antigo Testamento. A título de exemplo, cito dois recursos literários frequentes, segundo Alter. A “cena-padrão” é um deles. Para Alter, “[...] há uma série de episódios recorrentes na vida dos heróis bíblicos que são análogos às cenas-

---

<sup>14</sup> O autor estuda a arte narrativa na Bíblia Hebraica. Faço uso da tradução do hebraico para o inglês. Cf. nota n.5.

padrão dos poemas homéricos, na medida em que dependem da manipulação de uma constelação fixa de motivos predeterminados” (ALTER, 2007, p. 85)<sup>15</sup>. A “técnica de repetição” é outro recurso empregado pelos autores bíblicos, segundo Alter:

A narrativa bíblica nos mostra, assim, um sistema cuidadosamente integrado de repetições, algumas baseadas na recorrência de fonemas, palavras ou pequenas frases, outras ligadas a ações, imagens e ideias que fazem parte do universo dos relatos que “reconstruímos” como leitores [...] (2007, p. 147).

Marguerat e Bourquin participam do desenvolvimento das metodologias narrativas com o livro **Pour lire les récits bibliques** (1998). Uma de suas contribuições consiste em alertar o pesquisador sobre a necessidade de detectar o “enquadramento” textual, definido como o contexto em que se dá a ação dos personagens, sendo integrado por tempo, lugar e meio social.

Às vezes o enquadramento apresenta, de modo neutro, um meio em que evoluem os personagens; faz o papel dos advérbios na estrutura da frase, assinalando quando, onde e como se desenvolve a ação: ela se passa de manhã ou à tarde, na cidade ou nos campos, com uma mulher ou um operário. Mas, ao lado e para além dessas indicações factuais, o enquadramento pode estar carregado de valor metafórico: a história se desenvolve ao amanhecer (instante da promessa e da criação), ou numa sinagoga (lugar do encontro entre Deus e seu povo); pode implicar um fariseu, induzindo um confronto com a Lei. O enquadramento contribui, portanto, para

---

<sup>15</sup> Esta citação e a próxima, assim como as de Marguerat/Bourquin e Ryken, são retiradas das edições das obras em português.

a compreensão simbólica da ação (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 97-98).

Por fim, Leland Ryken comenta abordagens diferenciadas à Bíblia com resultados igualmente próprios. Para ele, há três aproximações: teológica, histórica e literária (2023, p. 20). Quanto às duas primeiras:

Os estudos bíblicos acadêmicos tradicionais combinam a abordagem teológica e a histórica; interessam-se por questões de autoria e origem; tendem a dividir o texto bíblico em fragmentos e são assustadoramente indiferentes à preservação da unidade das passagens. Abordagens teológicas se ocupam de reduzir a Bíblia a abstrações e proposições. Historiadores se concentram em questões de precisão das referências da Bíblia aos acontecimentos (2023, p. 20).

Ryken esclarece que não é seu objetivo se opor às abordagens teológica e histórica, mas sim qualificar e definir o que seria próprio ao estudo literário da Bíblia. Para tanto, elabora tópicos que julga essenciais.

*Significado por meio da forma.* Uma abordagem literária da Bíblia se interessa por questões de forma literária. Preocupa-se não apenas com o que é dito, mas também com a forma como algo é expressado (2023, p. 20, grifo do autor).

*A unidade e o todo literário.* Outra característica fundamental da abordagem literária da Bíblia é sua ênfase sobre a unidade dos livros e das passagens. Críticos literários procuram o todo literário (2023, p. 21, grifo do autor).

A abordagem literária pressupõe unidade em um texto e dedica suas energias a mostrar a existência dessa unidade (2023, p. 22, grifo do autor).

*Universalidade.* A Bíblia registra acontecimentos históricos singulares. Contudo, também é um livro de experiências universais (2023, p. 22, grifo do autor). Uma abordagem literária se interessa, portanto, em construir pontes entre o texto bíblico e a vida do leitor. Identifica experiências humanas reconhecíveis que encontramos nos relatos e poemas da Bíblia (2023, p. 23).

*O prazer da beleza artística.* Uma abordagem literária também percebe o valor da artisticidade, evidente em toda parte na Bíblia. Ela enxerga as obras individuais da Bíblia como realizações que produzem encanto e admiração [...] (2023, p. 23, grifo do autor).  
*Sensibilidade à linguagem.* Uma abordagem literária da Bíblia compartilha do respeito do estudioso da Bíblia pelas palavras em si com as quais ela é escrita. [...] A linguagem bíblica muitas vezes é mais rica do que as palavras costumam ser, e uma abordagem literária se interessa por essas nuances linguísticas (2023, p. 23-24, grifo do autor).

## **AUTORES INFLUENTES**

Em lugar da descrição cronológica do desenvolvimento dos estudos da Bíblia como literatura e da apresentação de exemplos das metodologias empregadas, como exposto acima, neste tópico principal o olhar se volta para autores da teoria e da crítica literária que embasam tais pesquisas e podem colaborar para seu desenvolvimento. Concentrar a atenção nas teorias é fundamental, visto que elas permitem que o campo se desenvolva. O que segue é uma síntese resumida da contribuição dos autores selecionados, sempre sob o critério da importância deles para minhas pesquisas e

para a de outros estudiosos, principalmente brasileiros. Os nomes estão ordenados segundo a cronologia de suas obras.

### *Erich Auerbach*

Mesmo que não tenha sido um especialista e não tenha escrito um livro sobre análise literária da Bíblia, a Auerbach é concedido o mérito de ter atraído a atenção de críticos literários para a Bíblia, como mencionado anteriormente. Sua contribuição se deu por meio dos dois capítulos iniciais do livro **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental, publicado em 1946<sup>16</sup>: “A cicatriz de Ulisses” e “Fortunata”. O primeiro capítulo coloca em relação dois textos de tradições independentes. Uma grega, representada por um fragmento de **A Odisseia**. A outra, hebraica, com uma narrativa do livro de Gênesis. O segundo capítulo introduz uma cena do texto latino **Fortunata**, que é analisada em paralelo com narrativas dos evangelhos.

De forma sintética, duas propostas do autor são fundamentais para a análise literária da Bíblia. A primeira atribui virtude literária ao caráter lacônico da narrativa bíblica, em oposição à avaliação dos exegetas naquele momento. Tal laconismo é exemplificado na cena do quase sacrifício de Isaque (capítulo 22 do livro de Gênesis). Segundo Auerbach:

---

<sup>16</sup> Primeira edição brasileira pela Editora Perspectiva em 1971. Pela mesma editora, a última edição é de 2021.



[...] só é acabado formalmente aquilo que nos fenômenos interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e recolhido num segundo plano (2021, p. 11).

Essa espécie de jogo de revela e esconde da narrativa bíblica é explorada por Auerbach por meio dos “planos” narrativos. Embora a elaboração de primeiro e segundo planos pelo autor, identificando personagens e outros elementos ora sendo colocados em destaque, ora sendo trazidos para as sombras da narrativa não seja nova, sua aplicação na análise dos atores nas narrativas bíblicas, sim, é novidade no momento em que escreve. Explicitando esse aspecto, ao diferenciar a narrativa bíblica da homérica, que sempre opera em primeiro plano, ele classifica:

De um lado [na narrativa homérica], fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num *primeiro plano*; [...] Do outro lado [na narrativa bíblica], só é acabado formalmente aquilo que nos fenômenos interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão<sup>17</sup> (2021, p. 11, grifo do autor).

Em seguida, Auerbach fornece com mais detalhes:

---

<sup>17</sup> Entenda-se “escuridão” como expressão do segundo plano narrativo.

Evidencia-se que até a personagem individual pode ser apresentada em segundo plano: é o que sempre ocorre com o Deus bíblico que, diferentemente de Zeus, nunca é apreensível em sua presença; só “algo” dele aparece a cada vez, enquanto se esconde nas profundezas. E os próprios seres humanos dos relatos bíblicos [...] têm mais profundidade quanto ao tempo, ao destino e à consciência. Ainda que estejam quase sempre envolvidos num acontecimento que os ocupa por completo, não se entregam a tal acontecimento a ponto de perderem a permanente consciência do que lhes acontecera em outro tempo e em outro lugar; seus pensamentos e sentimentos têm mais camadas e são mais intrincados (2021, p. 11).

A segunda proposta do autor destaca a profundidade e o desenvolvimento dos personagens bíblicos. Quanto ao primeiro elemento:

Quanta profundidade há, em contraste, nos caracteres de Saul ou de David, quão intrincadas e ricas em planos são as relações humanas, como a de David e Absalão ou de David e Joab! [...] O mais importante, contudo, é a multiplicidade de camadas dentro de cada homem [...] (2021, p. 12).

Sobre o desenvolvimento dos personagens bíblicos, comenta:

Mas que caminho, que destino se interpõe entre o Jacó que obteve arditosamente a bênção do primogênito e o ancião cujo filho mais amado foi despedaçado por uma fera – entre David, o harpista, perseguido pelo ciúme do seu senhor, e o velho rei, circundado de intrigas apaixonadas, aquecido no seu leito por Abisai, a Sunamita, sem que ele a reconheça! [...] o *Antigo Testamento* nos oferece essa história pessoal como processo formativo daqueles que Deus elegeu para o desempenho dos papéis exemplares (2021, p. 18, grifo do autor).

A análise de Eric Auerbach, estabelecida a partir de sua sensibilidade ao texto bíblico e ao conhecimento e aplicação de teorias narrativas é, ainda hoje, lida, estudada e utilizada nos estudos das narrativas bíblicas.

*Antonio Candido*

O sociólogo e principalmente teórico e crítico da literatura brasileiro, considerado “[...] sem dúvida o maior crítico brasileiro deste século [século 20]” (CAMPOS, 19/06/1998), autor de obras fundamentais no campo da literatura nacional, como **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos** (2023a<sup>18</sup>) e **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária** (2023b<sup>19</sup>), não produziu nenhum texto ligado ao campo dos estudos bíblicos.

A presença de Candido como um de meus referenciais teóricos preferidos se justifica pela necessidade de correção de uma abordagem essencialmente sincrônica presente em trabalhos de biblistas norte-americanos que produziram trabalhos sobre leitura literária da Bíblia. Podem ser tomados como exemplos Norman R. Petersen, mencionado anteriormente, e Jack Dean Kingsbury, com seu **Mathew as Story**<sup>20</sup>. Para este,

---

<sup>18</sup> Primeira edição brasileira em dois volumes publicada em 1959.

<sup>19</sup> Publicado originalmente em 1965.

<sup>20</sup> Primeira edição em 1986 e segunda edição revisada e ampliada em 1988.

Como uma unidade narrativa, Mateus convida o leitor ou o intérprete a se concentrar na história do evangelho que está sendo contada [...] temporariamente deixando seu mundo real e entrando em outro mundo que possui seu próprio modo de ser (1988, p. 2, tradução nossa).

Tal posicionamento é uma reação às pesquisas majoritariamente historicistas no campo dos estudos bíblicos. Embora compreensível e positiva nesse contexto, essa radicalização do olhar dificulta que sejam considerados os processos formadores dos textos e suas conexões com as sociedades de origem. Não se pode negar que a escolha de gêneros literários, os recursos estilísticos empregados, assim como a influência de tensões religiosas, sociais e outras que se fazem presentes no entorno dos textos influenciam sua constituição. É exatamente nesse ponto que a contribuição de Antonio Candido é relevante.

Uma de suas propostas diz respeito ao “sistema literário”. Candido considera “literatura”

[...] um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem conhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um *conjunto de produtores literários*, mais ou menos conscientes de seu papel; um *conjunto de receptores*, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um *mecanismo transmissor*, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um

tipo de combinação inter-humana, a literatura [...] Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação de uma continuidade literária [...] É uma *tradição* [...] (2023a, p. 25-26, grifo nosso).

Em outro momento, Candido apresenta de forma resumida o sistema literário: “triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica, e de certa continuidade da tradição” (2023a, p. 19).

A identificação do sistema literário, composto por autores, obras, público leitor e tradição, e não apenas de obras literárias solitárias, é bastante útil para os estudos da Bíblia como literatura, visto que permite abordar os livros bíblicos em seus contextos de produção e de interação. Como exemplo pode ser mencionada a Teoria das Duas Fontes, que trata da relação entre os evangelhos sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas). A consciência de que Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito, influenciou na elaboração de Mateus e de Lucas, e que estes, dentro de uma tradição oral e literária, fizeram uso de outras fontes, admite pensar em um sistema literário dinâmico, que começa, inclusive, a criar sua própria tradição, como exemplifica o surgimento dos evangelhos apócrifos. O mesmo raciocínio pode ser empregado nas cartas neotestamentárias, com ampla circulação no mundo greco-romano.

Outra contribuição extremamente relevante de Candido diz respeito à relação entre obra e contexto. Tratando de textos ficcionais, mas que pode ser aplicada à Bíblia como literatura, ele coloca a questão:

[...] antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão (2023b, p. 15-16).

Percebe-se na citação a tensão entre teorias. De um lado, aquelas que consideram os elementos biográficos de autoria e de contexto social determinantes para a produção e compreensão de uma obra; de outro aquelas que julgam ser a obra literária uma produção independente de seus entornos e com vida própria.

No campo da hermenêutica e da exegese bíblica, a proposta do contexto como determinante para o sentido do texto foi praticada pelos estudiosos de cunho historicista. Já o foco no texto, independente daquilo que o cerca, tem sido a opção dos biblistas norte-americanos e europeus, como apontado anteriormente.

Candido propõe uma alternativa:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um

certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (2023b, p. 16, grifo do autor).

A combinação de externo e interno é fundamental para o entendimento da obra literária, e da Bíblia, igualmente, ao assumir como critério norteador a questão: como o externo, isto é, os dados sociais, religiosos, econômicos etc., que constituem o contexto do texto, tornam-se internos por intervenção do autor? Como esses dados são combinados na criação de personagens, tempos, cenários e enredo, gerando o texto literário e o bíblico?

Tal abordagem é aplicável aos evangelhos e pode ser percebida na ação transformadora operada pelo narrador, por exemplo, ao dar destaque à Galileia e ao seu mar, ao atribuir papel central a Jerusalém e ao utilizar o “monte” como espaço especial no evangelho de Mateus. Semelhante atividade literária pode ser identificada na relevância de termos como “noite” e “luz” no evangelho de João. Quanto aos personagens, nota-se o trabalho de construção literária na derrocada de Pedro, que de “pedra” se torna, nos momentos finais do evangelho, aquele que nega Jesus.

Portanto, aplicando as proposições de Candido, a análise da Bíblia como literatura não deve ser refém do “externo”, como se o texto bíblico fosse simplesmente uma fotografia do passado, mas praticar uma leitura sensível e atenta para identificar como os autores inserem nele ênfases, ausências, transformações etc., produzindo, assim, macroestruturas textuais.

## *Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser*

São figuras de destaque da escola literária conhecida como Estética da Recepção os autores alemães Hans Robert Jauss (1967<sup>21</sup>, 1994) e Wolfgang Iser (1974, 1976<sup>22</sup>, 1996, 1999). O primeiro se concentrou na recepção histórica de textos literários pelos leitores, enquanto o segundo estudou os efeitos dos textos sobre os leitores.

Iser define a Estética da Recepção a partir de dois grandes eixos: efeito e recepção:

[...] o *efeito e a recepção* formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (*recepção*) ou teórico-textuais (*efeito*). A estética da recepção alcança, portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas diversas se interligam (1996, p. 7, grifo nosso).

Ele esclarece os dois componentes da teoria: “Uma teoria do *efeito* está ancorada no texto – uma teoria da *recepção* está ancorada nos juízos históricos dos leitores” (1996, p. 16, grifo nosso). Para que tais eixos funcionem adequadamente, é necessário um pressuposto teórico: o objetivo do texto literário é a “comunicação”. Para Iser: “O texto literário é considerado, por conseguinte, sob a premissa de ser comunicação” (1996, p. 15). Por decorrência,

---

<sup>21</sup> O livro **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária** foi publicado originalmente em 1967, com edição brasileira em 1994.

<sup>22</sup> O livro **O ato da leitura**, de Wolfgang Iser, foi publicado originalmente em um volume, em 1976. A editora 34 dividiu o livro em dois volumes, com publicações em 1996 e 1999.



Como o texto literário só produz efeito quando é lido, uma descrição desse efeito coincide amplamente com a análise do processo de leitura. [...] não podemos captar exclusivamente o efeito nem no texto, nem na conduta do leitor; o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo de leitura (1996, p. 15).

Iser coloca sua atenção nas estratégias de composição dos textos e no ato de leitura, portanto, no efeito operado nos leitores pelo texto. Jauss, por sua vez, dedica-se à investigação das formas históricas de recepção dos textos, isto é, a recepção pelos leitores.

Para a Estética da Recepção, o leitor é ativo no processo, diferentemente da hermenêutica bíblica, que pressupõe um leitor passivo diante dos textos das Escrituras. Segundo Iser,

O efeito estético deve ser analisado, portanto, na relação dialética entre texto, leitor e sua interação. Ele é chamado de efeito estético porque – apesar de ser motivado pelo texto – requer do leitor *atividades imaginativas e perceptivas*, a fim de obrigá-lo a diferenciar suas próprias atitudes (1996, p. 16, grifo nosso).

De forma categórica, Iser afirma: “O efeito depende da participação do leitor e sua leitura” (1996, p. 34). Isso decorre de que “[...] os textos contêm elementos de indefinição. Essa indeterminação não é um defeito, mas constitui as condições elementares de comunicação do texto que possibilitam que o leitor participe na produção da intenção textual” (1996, p. 57).

Esse chamado à participação do leitor já foi aplicado por Auerbach no estudo de Gênesis 22 ao considerar os cenários, a

construção narrativa e a ação ou falta de ação dos personagens como convites para que o leitor interaja com o texto.

Jauss, no contexto das críticas à história literária conforme praticada na década de 1960, propõe que

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão (1994, p. 7-8).

Dessa forma, ele desvia o foco avaliativo dos elementos condicionantes da produção da obra literária para sua recepção em variados momentos históricos. Daí, a definição:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (1994, p. 35).

A ênfase na recepção histórica de textos literários, que coloca em evidência o conjunto mutável de leituras experimentadas em épocas variadas é de extremamente importância para os estudos da Bíblia como literatura e já apresenta resultados<sup>23</sup>. Como esse aspecto

---

<sup>23</sup> Cf. os seis capítulos que compõem a terceira parte: III. Bíblia e recepção, do livro LEONEL, João (Org.). **Bíblia, literatura e recepção**, 2022 (p. 223-364) e

específico da Estética da Recepção não é central para a análise literária de textos bíblicos, bastam estas últimas palavras de Jauss a respeito de sua proposta:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (1994, p. 25).

*Robert Alter*

O autor foi apontado neste artigo como o inaugurador dos estudos da Bíblia como literatura por meio de seu livro **A arte da narrativa bíblica**, publicado originalmente nos Estados Unidos em 1981 e traduzido para o português em 2007. Além do **Guia literário da Bíblia**, organizado com Frank Kermode e publicado no Brasil em 1997, com edição original em 1987, é importante destacar sua mais recente produção, que trouxe a Robert Alter ainda maior destaque: **The Hebrew Bible: a translation with commentary**, em três volumes (2019).

A obra consta de uma tradução da Bíblia hebraica para o inglês, com atenção para o sentido e o jogo de palavras hebraicas assim como a questões de estética literária. O primeiro volume, sobre os Cinco livros de Moisés, o segundo, com os Profetas (anteriores e

---

o artigo LEONEL, João. O evangelho de Mateus e a história da leitura em edições bíblicas brasileiras. **Bakhtiniana**, v. 19, n. 1, p. 1-19, 2024.

posteriores<sup>24</sup>), e o terceiro, com os Escritos<sup>25</sup>, são antecedidos por introduções gerais, sendo que cada livro bíblico recebe introdução específica. Ponto alto são as notas de rodapé, na maior parte das vezes com comentários de cunho literário.

Embora essa obra monumental não tenha sido traduzida para nosso idioma, ela começa a exercer influência nos trabalhos acadêmicos brasileiros que tratam dos estudos literários da Bíblia, sendo mesmo uma exigência para aqueles que pesquisam literariamente o Antigo Testamento.

Retornando à **Arte da narrativa bíblica**, Alter se preocupa em qualificar a narrativa bíblica antes de oferecer ao leitor análises literárias extremamente competentes e belas de textos bíblicos específicos. Para tanto, ele assume que a Bíblia<sup>26</sup> é uma “história sagrada” (2007, p. 45). Em seguida, ele propõe que “a prosa de ficção é a melhor rubrica geral para classificar as narrativas bíblicas” (2007, p. 46). E completa: “[...] talvez pudéssemos falar da Bíblia como prosa de ficção *historicizada*” (2007, p. 46, grifo do autor).

Tal classificação é importante, uma vez que para Alter a prosa “[...] deu aos escritores uma extraordinária flexibilidade e

---

<sup>24</sup> Segunda divisão da Bíblia Hebraica, constando dos livros de Josué, Juízes, os dois de Samuel, os dois de Reis, Isaías, Jeremias e Ezequiel, acrescidos de Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Zacarias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

<sup>25</sup> Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e os dois de Crônicas.

<sup>26</sup> Quando se refere à “Bíblia”, Alter está fazendo menção à “Bíblia Hebraica”, ou Antigo Testamento para os cristãos.

ampla diversidade de recursos narrativos [...]” (2007, p. 48). Como construção literária, o uso da prosa permitiu que os autores bíblicos acessassem uma série de recursos literários para a produção de seus textos. São exatamente esses recursos que Alter explora na análise de textos específicos em seu livro.

No final do capítulo que define o estilo literário da prosa veterotestamentária, Alter faz um alerta:

Se [...] não nos dermos conta de que os criadores da narrativa bíblica eram escritores que, como quaisquer outros, entregavam-se à exploração dos recursos formais ou imaginativos de seu meio ficcional – às vezes captando a plenitude de seu tema em meio ao próprio jogo da exploração –, perderemos grande parte do que as histórias bíblicas têm a nos dizer (2007, p. 78).

Na sequência dos capítulos, após oferecer um exemplo de análise literária da Bíblia Hebraica (cp. 1) e discutir a classificação literária da narrativa bíblica (cp. 2), o autor explora tópicos comuns às abordagens da teoria e da crítica literárias, como o uso de convenções (cp. 3), o papel da narração e dos diálogos (cp. 4), a presença e a importância de repetições (cp. 5), a caracterização de personagens (cp. 6), a narrativa bíblica como arte composta, isto é, como um texto construído a partir de outros textos (cp. 7) e narração e conhecimento (cp. 8). Ao final do livro, Alter sintetiza:

Estou convencido de que [...] os escritores hebreus tinham um prazer indisfarçável em traçar com destreza esses personagens e ações tão vívidos, e com isso criaram uma inesgotável fonte de deleite para cem gerações de leitores. Mas esse prazer no jogo da

imaginação está profundamente impregnado de um senso de urgência espiritual. Os autores bíblicos conferem a seus personagens uma individualidade complexa, às vezes sedutora e não raro obstinada, pois é em sua empedernida individualidade humana que cada homem e cada mulher encontra Deus ou O ignora, responde ou resiste a Ele. [...] ao aprendermos a apreciar as narrativas bíblicas como histórias, poderemos ver com mais nitidez o que elas querem nos dizer sobre Deus, o homem e o universo perigosamente grandioso da história (2007, p. 278).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como o leitor talvez tenha notado, boa parte dos conteúdos deste artigo retomam tópicos que abordei em textos que escrevi anteriormente. Meu propósito aqui é fornecer um olhar mais sistemático sobre aquilo que constitui uma estrutura de sustentação para minhas pesquisas e trabalhos sobre a leitura literária da Bíblia. Ao mesmo tempo, julguei necessário acrescentar informações históricas sobre o desenvolvimento desses estudos.

Desejo que fique claro ao leitor que por mais que eu tenha buscado reconstituir o percurso histórico dos estudos literários da Bíblia, haverá nessa tentativa a marca dos meus entendimentos, opções e avaliações, construindo caminhos que seriam outros fossem outros a escrever este artigo.

Digo isso para que não se pense existirem apenas as opções que apresento. O leitor iniciado no tema obviamente saberá que não. A variedade de abordagens é extremamente salutar e seu exercício é

indicativo da evolução deste campo de pesquisa. Por isso, é prazeroso reconhecer que há outros colegas que contribuem de forma marcante para que o campo se desenvolva em nosso país<sup>27</sup>.

Colocando de uma forma mais biográfica, espero que este artigo contribua para uma melhor compreensão dos estudos sobre Bíblia como literatura, oferecendo novos conhecimentos, ampliando os já existentes e desfazendo equívocos. E que nesse contexto, meu percurso de pesquisa fique mais claro, trazendo ao leitor não apenas aquilo que julgo relevante para esse campo de estudos, como também a possibilidade de avaliar as minhas opções.

Por fim, é meu desejo que os leitores tenham sido atraídos, mais do que por detalhes técnicos, pela amplitude da leitura literária da Bíblia. Que ela seja praticada e se expanda para além do contexto acadêmico das universidades e de congressos técnicos, e chegue aos momentos intimistas de leitura bíblica, assim como às leituras comunitárias nas variadas comunidades de fé por todo o Brasil.

## REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. Os métodos Histórico-Gramatical e Histórico-Crítico de interpretação bíblica. *In*: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo (Org.). **Para estudar a Bíblia**: abordagens e métodos. São Paulo: Recriar, 2021. p. 21-44.

---

<sup>27</sup> A título de exemplo, indico o livro que organizei com Marcelo Carneiro, **Para estudar a Bíblia**: abordagens e métodos, publicado em 2021. Embora não seja uma obra especificamente sobre leitura literária da Bíblia, possui capítulos que trazem abordagens variadas ao tema.

ALTER, R. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, R. **The Art of Biblical Narrative**. New York: Basic Books, 1981.

ALTER, R. **The Hebrew Bible: A Translation with Commentary**. 3 v. W. W. Norton: New York/London, 2019.

ALTER, R.; KERMODE, F. (org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Unesp, 1997.

ALTER, R.; KERMODE, F. (ed.). **The Literary Guide to the Bible**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1987.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BAR-EFRAT, S. **Narrative Art in the Bible**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

BERLIN, A. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Sheffield: Almond Press, 1983.

BLOOM, H. **The Shadow of a Great Rock: a Literary Appreciation of the King James Bible**. Yale: Yale University Press, 2012.

CAMPOS, Haroldo de. Antonio Candido. O maior crítico literário brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 de junho de 1998. Online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs19079805.htm>



CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 2 v. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. São Paulo: Todavia, 2023a.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023b.

CANTARELA, Antonio Geraldo. **Bíblia e linguagem:** contribuições dos estudos literários. 2023. São Paulo: Paulinas, 2023 (Série Bíblia como literatura, n. 1).

CARTER, Warren. Narrative Readings, Contextualized Readers, and Matthew's Gospel. *In:* FEWELL, Dannan Nolan (ed.). **The Oxford Handbook of Biblical Narrative.** Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 307-318.

FOKKELMAN, J. P. **Reading Biblical Narrative:** an Introductory Guide. St. Louis: Westminster John Knox, 1999.

FRYE, N. **O código dos códigos:** a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.

FRYE, N. **O grande código:** a Bíblia e a Literatura. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2021.

FRYE, N. **O poder das palavras:** a Bíblia e a Literatura II. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2022.

FRYE, N. **The Great Code:** the Bible and Literature. New York: Academic Press, 1982.

FRYE, N. **Words with Power: Being a Second Study of “The Bible and Literature”**. San Diego: A Harvest/HBJ Book, 1990.

GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **A Bíblia como literatura: uma introdução**. São Paulo: Loyola, 1990 (Coleção Bíblica Loyola).

GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **The Bible as Literature: an Introduction**. New York: Oxford University Press, 1986.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. v. 1 e 2. São Paulo: Editora 34, 1996, 1999.

ISER, Wolfgang. **The Implied Reader**. Baltimore: John Hopkins University, 1974.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KINGSBURY, Jack Dean. **Mathew as Story**. Second. Ed. Philadelphia: Fortress Press, 1988.

LEONEL, João. (org.). **Bíblia, literatura e recepção**. São Paulo: Editora Mackenzie; Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022.

LEONEL, João. O evangelho de Mateus e a história da leitura em edições bíblicas brasileiras. **Bakhtiniana**, v. 19, n. 1, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/63484/43663>

LEONEL, J.; AGUIAR, C. M.; LIMA, A. O. NEBIL (Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura, CNPq): Constituição e Pesquisas sobre Bíblia e Literatura. **Teoliterária: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias**. v. 11, p. 167-189, 2021.

LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo (Org.). **Para estudar a Bíblia:** abordagens e métodos. São Paulo: Recriar, 2021.

LEONEL, J.; LIMA, A. O.; AGUIAR, C. M.; HACK, J. L. Leitura literária da Bíblia: um projeto. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 22, p. 1-16, 2020.

LEVINE, Lee, I. **Judaism and Hellenism in Antiquity:** Conflict or Confluence? SEATTLE & LONDON: University of Washington Press, 1998.

LONGMAN III, T. **Literary Approaches to Biblical Interpretation.** Grand Rapids: Zondervan, 1987.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Para ler as narrativas bíblicas:** iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. **Pour lire les récits bibliques.** La Bible se raconte. Initiation à l'analyse narrative. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.

PETERSEN, N. R. **Literary Criticism for New Testament Critics.** Philadelphia: Fortress, 1978.

PINHEIRO, Paulo. Introdução. *In:* ARISTÓTELES. **Poética.** São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-33.

POWELL, M. A. **What is Narrative Criticism?** Minneapolis: Augsburg Fortress, 1990.

RHOADS, David. Narrative Criticism and the Gospel of Mark. **Journal of the American Academy of Religion**, n. 50, p. 411–426, 1982.

RYKEN, L. **A Complete Handbook of Literary Forms in the Bible.** Wheaton: Good News Publishers, 2014.

RYKEN, L. **As formas literárias da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

RYKEN, L. **How to Read the Bible as Literature... and Get More Out of it**. Grand Rapids: Zondervan, 1984.

RYKEN, L. **Para ler a Bíblia como literatura: e aprender ainda mais com ela**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

RYKEN, L. **Uma introdução literária à Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2023.

RYKEN, L. **Words of Delight: a Literary Introduction to the Bible**. 2. ed. Grand Rapids: Baker, 1992.

SILVA, Cássio Murilo da. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SILVANO, Z. **Introdução à análise poética de textos bíblicos**. São Paulo: Paulinas, 2014. (Série Bíblia como literatura, v. 5).

STERNBERG, M. **The Poetics of Biblical Narrative: Ideological Literature and the Drama of Reading**. Bloomington: Indiana University, 1987.

VITÓRIO, J. **Análise narrativa da Bíblia: primeiros passos de um método**. São Paulo: Paulinas, 2016. (Série Bíblia como literatura, n. 8).

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Manual de exegese**. Socorro, SP: Hagnos, 2007.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011 (Coleção Palimpsesto).

## **ABSTRACT**

The aim of this article is to describe the development of studies on the literary analysis of the Bible in European and North American contexts, indicating how these studies were introduced to Brazil through book translations and later expand through the contributions of national authors. The article also presents the methodologies and key themes in the studies of the Bible as literature, pointing out, in its final and main section, scholars in the fields of literary theory and literary criticism who, according to the author, may contribute to the advancement of such studies in Brazil.

## **KEYWORDS**

Bible as Literature; Literary Theory and Literary Criticism; Methodologies; Themes; Authors.